

DISCURSOS PANDÊMICOS E SENTIDO DE VERDADE: ACONTECIMENTOS NO BRASIL

PANDEMIC DISCOURSES AND SENSE OF TRUTH: EVENTS IN BRAZIL

Anderson Severiano Gomes¹

Maria Cecília Luiz²

RESUMO: Este artigo objetiva analisar os enunciados correlacionados que ocorreram no Brasil a partir da pandemia da COVID-19, discutindo como as relações de poder e saber foram facilitadores da propagação desses discursos. Utiliza-se da análise de discurso foucaultiana, em que o poder não é um componente concreto, não é observado e localizado dentro de uma determinada instituição ou do Estado, assim, também, não é algo individual, mas uma rede que se interliga. Com a polarização de ideias entre direita e esquerda, os enunciados políticos se intensificaram e isso resultou em embates fortes, ou em defesa inadvertida de cada lado, buscando um sentido de verdade. Nesse lugar, em que ninguém está fora, mas ao mesmo tempo ninguém está salvo, o jogo permanente é o da vigília, em que todos os olhos privam os movimentos alheios ao “teopoder” vivido nos discursos religiosos e políticos que se retroalimentam nas redes sociais, com farta distribuição de material fundamentado em *fake news*. Num momento de pandemia, em que muitos discursos se misturam, com a prevalência daquele de cunho religioso – por terem sido propalados de muitas formas e com muitos signos introjetados pelas pessoas em nossa construção genealógica – sobre os de base científica, negando estes últimos.

Palavras-chave: Discursos na Perspectiva de Foucault; Covid-19; Relações de Poder.

ABSTRACT: This article aims to analyze the correlated statements that occurred in Brazil from the COVID-19 pandemic, discussing how power and knowledge relations were facilitators of the propagation of these discourses. It uses the analysis of Foucault discourse, in which power is not a concrete component, it is not observed and located within a particular institution or state, so, also, it is not something individual, but a network that connects. With the polarization of ideas between right and left, the political statements intensified and this resulted in strong clashes, or inadvertent defense on each side, seeking a sense of truth. In this place, where no one is out, but at the same time no one is saved, the permanent game is that of the vigil, in which all eyes deprive the movements of others to the “theopower” experienced in religious and political discourses that feedback on social networks, with the full distribution of material based on fake news. In a moment of pandemic, in which many discourses mix, with the prevalence of that of a religious nature – because they were proposed in many ways and with many signs introjected by people in our genealogical construction – on those of scientific basis, denying the latter.

Keywords: Discourses in the Perspective of Foucault; Covid-19; Power Relations.

1 Diretor de escola da Secretaria da Educação do município de São Paulo. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSCar, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade. [anderson.educ@gmail.com]

2 Professora associada do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UFSCar. Integrante da Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade. [cecilia Luiz@ufscar.br]

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, haver um surto de uma doença causada por um novo coronavírus: a COVID-19. O que constituiu uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Logo em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. Esse foi o início do ano de 2020 para o mundo.

Com o surgimento da COVID-19 e seu rápido contágio – com a necessidade de internação em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) em vários casos – sem o conhecimento de um remédio que efetivamente reprimisse a doença, o mundo ficou perplexo e, conseqüentemente, trouxe ações drásticas para limitar a propagação do vírus. Assim, com a declaração da pandemia, alguns enunciados como “quarentena” e “distanciamento social” passaram a fazer parte do cotidiano mundial junto com as ações comandadas pela OMS, emergiram. Também, apareceram outras propostas de soluções, como a abertura e o funcionamento apenas de serviços essenciais, ou a preocupação com a garantia de uma renda emergencial, como um auxílio, para socorrer a crise econômica dos países atingidos.

O ocidente vivenciou o crepúsculo no ano de 2020. Primeiro, olhou à distância como se fosse um problema distante, com informações díspares sobre sua propagação. Assim, o vírus encontrou terreno fértil para se instalar na Europa e na sequência nos EUA. E, para os brasileiros, não se caracterizou de forma diferente: em março começou o período marcado pela propagação da COVID-19, em alta escala, com vários enunciados que merecem ser analisados.

No Brasil, a quarentena não foi tratada com seriedade, nem mesmo com uma necessária ação coordenada entre os governos federais, estaduais e municipais. Seu cumprimento esteve, ora nas mãos de governantes, ora nas mãos dos próprios cidadãos. Assim, o controle da doença efetivamente nunca ocorreu, pois as medidas tornaram-se urgentes, não planejadas e, muito menos, dialogadas com a população, em uma demonstração de desrespeito daqueles que estavam no poder governamental.

Nesse contexto, este artigo objetiva analisar os enunciados correlacionados que ocorreram no Brasil a partir da constatação da COVID-19; e, discutir como as relações de poder e saber foram facilitadores da propagação desses discursos. Utiliza-se da análise de discurso foucaultiana, em que o poder não é um componente concreto, não é observado e localizado dentro de uma determinada instituição ou do Estado, assim, também, não é algo individual, mas uma rede que se interliga.

Neste texto, os enunciados correlacionados em análise pertencem a um tempo – período pandêmico – e lugar determinado – todos as unidades federativas do Brasil. Parte-se de enunciados encontrados em notícias veiculadas nos jornais que circularam por meios eletrônicos e televisivos, redes sociais etc., com prerrogativa de que um discurso pode ser considerado verdadeiro ou falso, se for visto em um conjunto de regras de produção da verdade acerca de algo (FOUCAULT, 2006a, p. 235). O desejo e o poder fazem o jogo de querer estipular um discurso verdadeiro, de compreender uma verdade, isto é, essa veracidade se liga ao desejo e dissimula uma existência, aparentemente, fecunda e universal.

Foucault (2006a) compreende que os discursos e as relações de poder, também, são percebidos por enunciados marcados pelos desequilíbrios e contradições. Em que o discurso é um conjunto de enunciados que pertence a diversos campos, tendo regras de funcionamento habitual e se sustentando na mesma formação discursiva. Desta forma, a sociedade, o governo e as suas políticas partidárias, ou a ausência do Estado produziram enunciados.

Para Foucault (1986, p.135), não se analisa apenas o que é dito por um, ou por vários sujeitos, mas busca-se identificar os enunciados de seus discursos. Por isso, o autor (1986) entende que um discurso nem sempre é linear visto que, às vezes, há um espaço para dissensões e oposições. Os resultados, portanto, nem sempre são os mesmos e não se constroem num tempo de superfícies lisas e homogêneas. A partir do momento em que se reconhece a vivacidade do campo enunciativo, percebe-se que os enunciados são constantemente reformulados, estabelecendo novas relações, promovendo interdependências. No caso, a referência nem sempre trata de assuntos ou temas, mas de enunciados que surgiram no momento da pandemia. Quais seriam esses discursos? Como foram propagados?

Com base em Foucault (1999), Fischer (2001) abarca, de forma didática, um caminho para se encontrar os enunciados. A autora (2001) se apoia em um conjunto de signos e características de funcionalidade, ressaltando quatro elementos básicos: a *referência*; o *sujeito*; o *enunciado não existir isolado*; e sua *materialidade*. A partir desses quatro elementos, abrangeu-se a percepção dos enunciados deste artigo e, mais especificamente, notou-se a sua materialização no cotidiano.

A *referência*, um princípio de diferenciação, está ligada ao objetivo de analisar os enunciados, as *singularidades*, as *rupturas* e os *acúmulos* de discursos que surgem a partir do isolamento social e demais ações para proteção da saúde por conta da COVID-19. O referente apareceu nas relações de poder e naquilo que os sujeitos entendiam sobre ciência, política pública, doença, pandemia, coronavírus, COVID-19, isolamento social etc., e nos acontecimentos e procedimentos de controle da doença, por exemplo, as manobras do governo federal sobre remédios, em específico a cloroquina, apontada como o mais eficiente para combater o vírus, constituindo-se em uma regra e/ou tática criada para fortalecer o seu discurso.

O *fato de ter um sujeito*, alguém que disse, ou se reconheceu em um discurso. No caso deste estudo, os sujeitos foram compostos por duas frentes divergentes, aqui denominados: os brasileiros que se afirmavam de direita e os que compunham a esquerda. Uma parte, os da direita, propagava enunciados correlacionados às políticas vigentes e/ou ao que dizia o próprio presidente da república, se autointitularam como cidadãos “do bem”. E, a outra parte, se posicionou contra esses enunciados criando uma espécie de “cultura do cancelamento”.

Nota-se que os sujeitos analisados, apesar do difuso interesse, lutam por espaços de poder, portanto se interdependem para coexistir. Assim, surge o *fato de um enunciado não existir isolado*, mas sempre estar associado e correlacionado a outros. Segundo Foucault (2009a), os vários enunciados se correlacionam, geralmente, no mesmo período, como os aqui enfocados: políticos e religiosos, que fortalecem o surgimento e a manutenção de novos discursos e conectam o que parece disperso.

E, finalmente, *a materialidade do enunciado*³, quando se evidenciam as formas concretas do discurso, como falas, textos, contextos etc. Essa materialidade significa entender quais eram os posicionamentos de sujeitos deste estudo, levando em conta o lugar em que se propagava suas falas e em qual tempo histórico estavam vivendo.

Para Foucault (2005), as relações de poder são compreendidas nos contextos histórico e social, por isso, a temporariedade é importante para entender os contextos vividos, as ações e as interlocuções dos sujeitos, pois: tudo isso influencia as novas esferas de comunicação e cognição futuras. A materialização dos enunciados ocorreu com o jogo que promulgou uma vontade de verdade nas situações que apareceram na pandemia. A questão é que as diferenças individuais, somadas à intolerância nas redes sociais, deram origem a diversos conflitos, aos acontecimentos enunciativos que envolveram os membros da sociedade brasileira e que foram agravados pela ascensão do governo federal, que compactuou com a ala política de direita numa correlação de forças demonstrativas de poder sobre seus contrários.

ENUNCIADOS CORRELACIONADOS: SEGUNDO FOUCAULT

Para compreender os enunciados e suas correlações, observou-se como se propagou cada um, e como houve a composição de um discurso. Para Fischer (2001), os enunciados dos *sujeitos* proferem discursos e ocupam posições a respeito deles – sujeito no sentido de “posição” a ser ocupada.

Foucault (2008a) afirma que o poder não se configura sempre como repressão, pois é estratégia – não é propriedade – e, por isso, em tempos de pandemia, os discursos foram ampliados no Brasil conforme o empenho de cada sujeito em influenciar uma teia de pessoas – formar aliados e repetidores de determinados discursos, mesmo que na forma de robôs – em prol daquilo que se ambicionava. Assim, perceberam-se os enunciados correlacionados aos *discursos políticos*, por meio de várias táticas com potencial para perpassar toda a sociedade.

Com a polarização de ideias entre direita e esquerda, os enunciados políticos se intensificaram e isso resultou em embates fortes, ou em defesa inadvertida de cada lado. Muitas vezes, esses enunciados serviram para definir os grupos de esquerda, como o mote “ninguém solta à mão de ninguém”. Ou, enunciados individualistas exacerbados de grupos da direita, que detêm o empreendedorismo e tentam se aproveitar da situação, como “o Brasil não pode parar com a COVID-19, os trabalhadores precisam de empregos para sobreviver”. Ambos se assentaram em formas de coação distintas, porém literalmente próximas.

Estes enunciados políticos se correlacionam com *discursos da saúde*, com perspectivas que se fundamentaram em saberes, determinações e interesses político-partidários, em vez de discursos da medicina. O Ministério da Saúde foi “comandado” por um ministro interino, militar, sem formação na área da saúde, sendo ele uma terceira opção, pois, antes, outros dois ministros haviam sido depostos por causa de conflitos discursivos da política do governo vigente. As ações de governos federal, estadual e municipal nem sempre obtiveram o aval dos profissionais da saúde. Mesmo assim os processos ideais para a saúde pública foram definidos e

3 Sujeitos que relataram suas ideias, concepções, pensamentos, valores com relação ao referente e aos enunciados correlacionados a outros discursos.

estabelecidos com base na retomada da economia ou das atividades coletivas, impondo protocolos para cada tipo de situação ou ajustando-os.

A COVID-19 alterou os tempos e os espaços, modificando também as formas de relacionamento, alterando profundamente as tradicionais formas de organização já vividas. Oportunamente, é um momento profícuo para trabalhar uma nova verdade, num momento em que se avizinham alterações relacionais, frutos desse tempo. Individualizar os cuidados, desresponsabilizar o poder público, justificar que a junção máscara-álcool em gel salva as vidas podem, portanto, nos levar a uma proximidade com um passado não tão distante.

Há tempos a disputa pela definição da verdade (disputa permanente) ocorre devido aos sujeitos tentarem verter seus discursos em batalhas diretas com outros. Para Foucault (2008a), a verdade é uma conquista a ser disputada e o campo é a obtenção de espaços de poder, por isso os enunciados não acontecem sozinhos.

Esta ocorrência de enunciados pôde ser percebida com a ascensão de políticos da ala da direita em outros lugares no mundo, em especial, os Estados Unidos da América (EUA). As táticas usadas para eleição do presidente americano, assim, como o brasileiro, enviesaram para o uso indiscriminado de redes sociais, disparos de *fake news*, ou controle de robôs cibernéticos replicando milhares de vezes determinada informação, o que ajudou a impulsionar vários discursos apregoados. Para Foucault (2008a):

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral de verdade”: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos; a maneira como se sanciona uns dos outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro [FOUCAULT, 2008a, p. 12].

Tem-se uma luta, ou embates de narrativas que buscam construir determinadas verdades, para ocupar o poder político e exercê-lo. Essa disputa de poder (que já existia antes da pandemia) refere-se aos diferentes grupos políticos sociais que sempre criam estratégias diversas entre poder e saber.

Esses dois presidentes produziram enunciados que confundiram a população e, em vez de combater o vírus, se ocuparam de culpabilizar alguém pelos acontecimentos. O problema da saúde brasileira, que se agravou com o COVID-19, foi ter um presidente que negou a pandemia por vários meses, que atribuiu ao vírus ser apenas “uma gripezinha”. Outros líderes mundiais também retardaram suas ações contra o vírus, agravando a situação da saúde em seus países. Nesses lugares, tal atitude (ou a falta dela) levou a óbito milhares de pessoas.

Sob a busca de verdade, a força de poder opera e constitui-se como realidade. Os acontecimentos não consistem em verdades universais e muito menos são absolutos. A realidade é um produto de um determinado tempo, do desenrolar de um discurso que se corporifica contínua e descontinuamente.

O próprio sujeito de conhecimento tem uma história, a relação do sujeito com o objeto, ou mais claramente, a própria verdade tem uma história. Assim, gostaria particularmente de mostrar como se pôde formar (...), certo saber do homem, da individualidade, do indivíduo normal ou anormal, dentro ou fora da

regra; saber este que, na verdade, nasceu das práticas sociais do controle e da vigilância. E como, de certa maneira, esse saber não se impôs a um sujeito de conhecimento, não se propôs a ele, nem se imprimiu nele, mas fez nascer um tipo absolutamente novo de sujeito de conhecimento [FOUCAULT, 2006a, p. 8].

Esse discurso não representou as perspectivas teóricas científicas, mas o poder do discurso político, guiando corpos à necessidade imediata de retomar seus empregos, sujeitando-os ao mercado. Houve necessidade de ficar em casa no período de quarentena, mas a grande preocupação era garantir empregos, ou mesmo rendas – acesso a insumos mínimos para a manutenção das pessoas em seus lares. O distanciamento social foi um acontecimento diferenciado para bairros periféricos que, geralmente, tinham a maior parcela das casas sem condições para tal feito, com pessoas que precisavam trabalhar, pois em grande parte viviam na informalidade.

Um problema que aflorou com o isolamento social: os dados alarmantes e preocupantes a respeito do saneamento básico no Brasil. Quase metade dos lares brasileiros, 34,1 milhões de domicílios, seguem desassistidos (sem saneamento), ou 49,2% do total do país (IBGE, 2017). Com o resultado desse levantamento indagou-se: como pedir higienização das mãos sem água? Como pedir para ficar em isolamento social com a estrutura desses domicílios (aglomeração de pessoas morando em poucos cômodos)?

Além dessas questões, percebeu-se aumento do poder coercitivo da polícia militar nas ruas, em todo Brasil. O país se tornou mais violento, com perseguição mais visível de sujeitos negros e pobres, criminalizando-os. Ou, no caso das mulheres, o aumento do feminicídio – devido à necessidade de ficar em casa – observado no crescente das estatísticas de mulheres agredidas, violentadas e mortas por seus próprios companheiros. Bem como a violência contra crianças, de diversas formas. Ou, ainda, no caso dos povos indígenas, com a negligência do governo federal, que foram deixados a própria sorte, sem direito a saúde e proteção.

Por mais que se evidenciassem as mortes ou a ocupação de leitos hospitalares, ainda não há, na população, a certeza de que tantas mortes foram causadas por um vírus. O governo federal promoveu ações em que as informações difusas, ajudaram as pessoas a começarem a ter dúvida de todo o processo, como se o fato de mostrar mais recuperados da doença, fizesse desaparecer os mortos (EL PAÍS, 05/06/2020). O presidente, em pronunciamentos públicos, duvidou várias vezes de que os dados repassados pelos estados fossem reais, e apresentadores populares da televisão também o fizeram, rejeitando os dados e apoiando o governo federal.

Logo aparecem os sujeitos descumprindo regras, como não usar máscara ou não obedecer ao isolamento social. Tais acontecimentos propiciaram um enunciado que ganhou grande proporção, como o da anticiência – fortalecido pela repetição representada do governo federal, na presença do presidente em aglomerações sem máscara, culpando governos locais por erros na condução da pandemia, ou afirmando categoricamente a necessidade de retomada de ações do mercado.

Durante o pico de contaminação do COVID-19 – o mais alto registrado no mundo por um longo tempo, com mais de mil mortes diárias – foi possível ver brasileiros se contrapondo às regras estabelecidas pelas autoridades locais, que impuseram o isolamento social para proteger a saúde de todos nos estados e municípios, ou pelo poder jurídico, ou pelos policiais, ou agentes sanitários etc. A vontade de verdade desses sujeitos – discordantes das imposições e regras impostos aos cidadãos

– legitimou acontecimentos na sociedade brasileira como a realização de passeatas, carreatas, manifestações públicas etc. em pleno período de contágio.

Esses sujeitos – defensores de posições políticas direitistas – se autodenominaram patriotas e democráticos, tomaram posse das cores da bandeira do Brasil, e saíram pelas ruas gritando ou lançando foguetes sobre instituições como o Supremo Tribunal Federal (STF). Seus discursos eram de acusação ao Estado, devido à decisão da privação da liberdade, isto é, a falta da garantia “de ir e vir”, da livre expressão etc. a qualquer preço, mesmo que isso significasse prejudicar o Sistema Único de Saúde (SUS), com números excessivos de pessoas lotando os hospitais e as UTIs (Unidade de Tratamento Intensivo). Interessante notar que os enunciados eram revestidos de garantias de direitos democráticos, mas não tinham como objetivo respeitar a democracia, o convívio social ou a sobrevivência do povo brasileiro em época de pandemia. Ao contrário, foram enunciados que possibilitaram acontecimentos individualistas, racistas, separatistas, homofóbicos de sujeitos intitulados de direita, com base em suas próprias crenças. Um discurso em defesa da pátria, mas com o interdiscurso de todos pensarem da mesma forma, possibilitando a punição para o oposto, pois os que não compactuam se tornaram baderneiros, sujeitos contra a ordem e o progresso no Brasil.

Os contrários a esse discurso, que se denominavam de esquerda, não conseguiram lograr êxito, ainda que afirmassem, por exemplo, que eram 70% da população contrários às ações governamentais. Esse problema se evidenciou nas pesquisas de aprovação do presidente que se manteve estática no período mais complexo da pandemia, porém com elevação de aprovação gradual a partir do momento em que a maioria dos estados e municípios começou a abrir a economia (G1 GLOBO – 13/08/2020).

Para Foucault (2009c), o modelo social está em um padrão piramidal, com sujeitos que comandam e seus subordinados de confiança – os que são coagidos, ou sujeitados. Da mesma forma, a função e o reconhecimento do grupo político de direita, que apoiou a presidência da república, desempenhavam um papel nas relações sociais. As relações de poder, nesse sentido, versam em transmitir a figura de um poder que corrige e pune o sujeito e seus pensamentos (crenças e contextos). Assim, o poder disciplinar enquadra todos nas normas vigentes, isto é, as práticas cotidianas se tornam naturalizadas e legitimadas. O poder não pode ser conceituado somente como repressivo, afinal, se assim fosse, não subsistiria nesta situação, pois não se tratou apenas de proibição, repressão, exercício de violência ou de força negativa e coercitiva.

Os enunciados que negaram a ciência, também, se correlacionavam com o *discurso religioso*, um pensamento que tinha similitude, pois o fundamentalismo religioso ganha força de verdade renegando o conhecimento científico. Esse enunciado esteve presente mesmo antes do atual governo ser eleito, mas foi exaltado e propiciou um cenário ideal, como, por exemplo, o discurso messiânico: “a voz do povo é a voz de Deus”. Esses enunciados religiosos já eram enaltecidos antes da pandemia, inclusive auxiliaram a vitória do governo federal nas urnas. Sua propagação, depois das eleições, teve mais empoderamento e ganhou visibilidade com o slogan de campanha do presidente, “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, que alçou um homem abençoado, pois sua trajetória, com a fachada que lhe foi, lamentavelmente, desferida, facilitou sua vitória, pela ausência nos debates eleitorais.

Não é de hoje que o país tem suas bases nas concepções judaico-cristãs, com religiosidades que vão de nomes de cidades, regiões, organização geográfica de lugares a partir das igrejas, até códigos, liturgias, cerimoniais, rituais etc., todos expostos no cotidiano dos brasileiros. Por isso, os enunciados religiosos propagados eleitoralmente pelo próprio presidente da república com citação da bíblia, como: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará – (João, 8: 32)”, atendeu as expectativas de uma população que pedia o fim da corrupção no Brasil, com enunciados de culpabilização de determinado grupo político contrário. Criou-se, um momento propício para instigar a sociedade a buscar por uma verdade sem mentiras políticas, baseadas na religião.

Com esse cenário, aqueles brasileiros que não compactuaram com as formas abordadas sobre as concepções religiosas judaico-cristãs, passaram a ser ofendidos e atacados como, por exemplo, as religiões afro-brasileiras (FOLHA DE SÃO PAULO, 24/09/2019).

Como já foi dito, os enunciados religiosos tiveram correlação com enunciados políticos e científicos que se retroalimentam nas redes sociais, mantidos pelas *fake news*. E, no mesmo sentido, também aparecem em outros enunciados correlacionados ao problema do COVID-19 e todas as demais envolvendo várias questões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de poder nunca são estáticas, por isso são tidas como algo que permeia, circula e que funciona em rede. Não estão nas instituições ou concentradas nas mãos de alguém. Segundo Foucault (2009c), o poder funciona em rede, por isso é analisado como micropoderes, isto é, cada sujeito, em suas tramas sociais, pratica o poder e padece da sua ação. O poder está em todo campo social e propicia saber, um saber materializado no discurso.

Para Foucault (2008a), o poder excede as esferas estatais e se constitui em toda sociedade, em seu “tecido” social, como uma prática social formada historicamente, cria camadas que se estruturam no tempo, uma teia que se engendra. Essas relações não estão restritas a um campo singular ou exclusivo, como algo material de que se pode ter o comando, ou como alguma coisa que se possa dispor ou transferir mediante contrato.

Neste contexto, as intrigas nas relações de poder adentram todas as camadas da sociedade, ocupando seus espaços, inclusive locais e de forma individualizada. Nessa tarefa de escavação, de acordo com a lei de dispersão, segundo Foucault (1997) deve-se “compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação” (p. 31).

A situação de pandemia vivida pelo mundo, e em especial, pela sociedade brasileira trouxe uma dispersão, na perspectiva da análise foucaultiana, quando a vontade de verdade desses brasileiros negou a pandemia, não a respeitando e burlando as leis de caráter emergencial. A dispersão esteve nos discursos da ala direitista de que a prerrogativa da lei referente à saúde, do Supremo Tribunal Federal (STF), era um discurso repressivo, não permitindo “liberdade de expressão”, portanto, um discurso que exigia a garantia deste direito, mas para utilizá-lo no ataque ao mesmo STF ou para justificar as *fake news*. Um paradoxo em que a lei serve apenas para atender aquilo que é “bom para mim”.

Ao fim, nenhum dos lados, esquerda ou direita, apontou novas respostas ao problema que a pandemia nos trouxe. Seus engalfinhamentos apenas mediaram as relações de poder, controlando corpos que se sujeitaram de lado a lado. Sem uma resposta ao perigo da COVID-19, com o questionamento público dos juízes do STF, ou partidos políticos, em geral, devido à prática de corrupção no Brasil, mesmo durante a pandemia, com prisões sobre gastos de ventiladores mecânicos, insumos ou medicamentos e ao não cumprimento da ordem e da justiça, todas essas perspectivas passaram a ser resolvidas pela religião.

De forma dispersiva, essa mesma sociedade concordante com um lado é a primeira a desrespeitar regras, a descumprir leis, e propagar injustiça, um interdiscurso marcado pelo falso moralismo, pela frase antiga: “faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço”. Concordante com o outro lado, se arvora em propalar a consciência coletiva que não dá nem respostas, nem saídas. Para Foucault (2009c), as relações de poder produzem o saber e os instrumentos para explicá-lo, legitimando-o como verdade.

Com relação ao interdiscurso, nos dizeres encontrados nos enunciados, constatou-se que para as duas alas não houve mediação entre posição política partidária, por isso são inimigos, criando um confronto sem diálogo, mas também sem uma lógica pautada na ciência. O tempo todo houve discursos baseados em *fake news*, disparados pelas redes sociais que disseminaram o ódio e a discórdia. Sem saber lidar com os entraves e, ainda materializando o discurso da anticiência, muitos brasileiros acusaram e atacaram a mídia e o jornalismo televisivo e eletrônico (às vezes até mesmo com violência física), pois não concordavam com seus discursos.

Devido à conjuntura histórica, os enunciados atravessam um caminho de novos efeitos de sentido, sendo que a cada nova enunciação promove-se o acúmulo do que foi enunciado. Percebem-se, neste sentido, duas grandes raridades: uma, a própria pandemia (da qual ninguém esperava acontecer), e a outra, os enunciados de brasileiros que negaram a doença e sua propagação perigosa.

Ainda houve o espanto e a preocupação da ala política de esquerda brasileira ao ver que os enunciados contra a democracia tiveram tanta força no Brasil, pois a estrutura governamental dos últimos 16 anos tinha como discurso seu incentivo, constituindo conselhos deliberativos que pudessem ouvir setores diferentes. Uma ruptura do que se acreditava existir, isto é, um discurso democrático, que foi quebrado à medida que o novo governo federal assumiu (desde 2019), com representatividade de um presidente conservador, e vice-versa.

Ao analisar o discurso na perspectiva foucaultiana, percebeu-se que a via enredada existente nos enunciados social, político e religioso foi extremamente complexa, o que nos auxiliou a refletir sobre como as relações de poder agem na sociedade, nas relações humanas, em espaços micros e macros. No Brasil, sujeitos que eram contra as ciências provinham de diferentes classes econômicas (pobres, médias e ricas). Assim, cruzaram-se os enunciados de sujeitos que são, ao mesmo tempo, efeito e centro transmissor de poder e não apenas receptores passivos.

Para Foucault (2008a), não se considera o poder dos mais fortes sobre os mais frágeis. As pessoas contribuem com o poder e isso é confirmado pela própria correlação dos enunciados descritos neste artigo. A engrenagem genealógica é movimentada pelas relações de poder e funciona no sentido de constituir e transformar práticas sociais, assim como pelos discursos e saberes determinados, tudo em

termos de estratagema. Por isso, Foucault (2008a) também conceitua o que acredita ser verdade, evidenciando-a como algo que não pode existir fora do poder ou sem poder.

A vontade de verdade não ocupa lugar diferenciado – não possui centralidade e privilégio como na cultura ocidental ou na história da filosofia tradicional – mas refere-se a formas, modos de *veridicção*, condições de obter o verdadeiro ou falso. Sua proposta é de refletir sobre uma história crítica do pensamento – cujas regras não fossem apenas validar ou invalidar fatos ou discursos. Foucault (2008a) a denomina como “jogos de verdade”, conforme a dependência da objetivação e da subjetivação é descrita em reciprocidade.

No jogo de verdade, busca-se a descoberta das regras que validam o que um sujeito diz ser verdadeiro ou falso. Para Revel (2005):

Às vezes, Foucault utiliza igualmente o termo «veridicção» a fim de designar essa emergência de forma que permitem aos discursos, qualificados de verdadeiros em função de certos critérios, articularem-se com certo domínio de coisas [p. 87].

Foucault (2008a) afirma que a verdade é produzida no interior das práticas sociais por meio de um conjunto de regras (procedimentos, técnicas etc.) e estão estabelecidas nas práticas discursivas de alguns campos do saber, em diferentes ocasiões históricas. A teimosia de alguns brasileiros dispersou um enunciado em que havia desprestígio e/ou pouca valorização da ciência, da lógica, da saúde induzindo-os a várias formas (explícitas e implícitas) de reivindicação. A enunciação era de sujeitos incapacitados de observar a realidade, não sabendo lidar com ela, e por isso acessavam em seus aparelhos celulares apenas notícias e ideias coniventes com seus pensamentos. A intertextualidade do discurso religioso também exerceu um papel fundamental neste processo.

Foi possível, mediante os acontecimentos, as práticas discursivas e os enunciados, compreender o tempo de hoje e a materialização do discurso de duas alas de brasileiros e suas posições quanto à pandemia. Partiu-se da concepção foucaultiana de que um ato social é um ato de produção de sentido e, portanto, um ato discursivo. Nesse contexto, essa produção de sentido compõe a vida social dos sujeitos, assim, quando se busca reconstruir o significado desses sentidos – nos quais o social se configura – pretende-se compreender o que acontece no presente que move as pessoas.

Finaliza-se este artigo com uma perspectiva discursiva em que os embates da sociedade brasileira, assim como alguns discursos, estão focados na religião (que não deixa de ser política), com uma espécie de “teopoder” a partir do biopoder de Foucault (2008b). Dentro do breve período democrático brasileiro, ainda não havia se observado um governo tão arraigado a preceitos religiosos, do qual podemos situar como uma liturgia do poder.

Foucault (2006a) conceitua o biopoder e, hoje, o Brasil transitou para o “teopoder”, ou pela busca enraivecida de uma teocracia nas Américas. Se a república se formou sobre a base da divisão do poder, com a finalidade de criar uma vigilância dos entes federativos e entre os três poderes, na atualidade, temos apenas a vigília divina a nos divisar. A discussão extrapola a metafísica e chegamos à era da metapolítica, regada pela religião, na busca de um estado teocrático.

Nesse lugar, em que ninguém está fora, mas ao mesmo tempo ninguém está salvo, o jogo permanente é o da vigília, em que todos os olhos privam os movimentos alheios ao “teopoder”. Há uma promiscuidade nos discursos religiosos e políticos que se retroalimentam nas redes sociais, em distribuição farta de material fundamentado em *fake news*, num momento de pandemia, em que muitos discursos se misturam, sendo que existe a tendência do cunho religioso prevalecer – por terem sido propalados de muitas formas e com muitos signos já introjetados pelas pessoas em nossa construção genealógica – sobre os de base científica, negando estes últimos.

O “teopoder” se cristaliza nas relações quando as respostas deixam de ter um caráter científico, sobrepujando uma determinação metafísica, materializada em um discurso que se enuncia arqueologicamente em passagens desprovidas de contexto, mas propagadas de diversas formas com a finalidade de justificar ações governamentais pela divindade. Aquilo que se estruturou como forma de evangelização, extrapola os limites do discurso religioso, tornando-se um interdiscurso político e hegemônico quando serve para justificar a obtenção do poder por um grupo. Ao mesmo tempo, os que pensam ao contrário ainda não conseguiram produzir uma narrativa que revelassem os equívocos presentes.

A compreensão dessas e outras formas de micro e macro poderes evidenciam que eles são propagados, em tempos e espaços diferentes, quer a maioria dos sujeitos compactue ou não com sua efetividade. Cria-se um meio de comunicar as ações, os conflitos com base em dogmas religiosos-políticos determinando não apenas o lugar do outro, mas a retenção dos limites do corpo, a certo círculo, a uma forma própria de dominação, em que se materializam as mudanças nas relações, as formas como a sociedade começa a observar os fenômenos que a cercam, dando crédito aos discursos, ações e movimentos para compor o poder. Uma arqueologia que remonta às estruturas dos enunciados que estão embutidos nas relações desta sociedade desde sua fundação, isto é, a sujeição de sentidos para uma sociedade é algo que não será finalizado, como este texto, mas se perpetuará ainda por muito tempo.

REFERÊNCIAS

- DEUTSCHE WELLE – Sites DW.COM – 26/05/2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/fake-news-atrapalham-m%C3%A9dicos-em-meio-%C3%A0-pandemia/a-53575486>. Acesso em: 19/07/2020.
- DEUTSCHE WELLE – Sites DW.COM – 28/02/2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/%C3%A9-o-momento-de-a-igreja-ocupar-a-na%C3%A7%C3%A3o-diz-damares-alves/a-52559550>. Acesso em 23/07/2020
- EL PAÍS – 05/06/2020. Disponível Em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-06/apos-recordes-na-contagem-de-mortes-por-covid-19-brasil-muda-divulgacao-de-dados-e-reduz-informacoes.html>. Acesso em 30/07/2020.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*. Rio de Janeiro, n. 114, p. 197-223, 2001.
- FERNANDES, C. A. *Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias*. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FOLHA DE SÃO PAULO – 24/09/2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/09/relatos-apontam-proliferao-de-ataques-as-religoes-afro-brasileiras.shtml>. Acesso em: 26/07/2020.
- FOUCAULT, M (org). *Foucault: a critical reader*. New York: Basil Blackwell, 1986.
- FOUCAULT, M. “O sujeito e o poder”. In: RABINOV, P.; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins fontes, 2005.
- FOUCAULT, M. *Ditos e escritos IV - Estratégia, saber e Poder*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2006a.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito – Curso dado no Collège de France, 1981-1982*. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: Curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes, revisão de Léa Porto de Abreu Novaes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2009b.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 36ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009c.
- GAZETA DO POVO – 05/08/2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/acoes-bolsonaro-armas/>. Acesso em: 05/08/2020.
- G1 GLOBO – 13/08/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/13/bolsonaro-tem-aprovacao-de-37percent-e-reprovacao-de-34percent-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 15/08/2020.
- IBGE. *Pesquisa Nacional de Saneamento Básico 2017*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6835>. Acesso em: 26/07/2020.
- REVEL, J. *Foucault, conceitos fundamentais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani – São Carlos: Claraluz, 2005.
- VALOR ECONÔMICO – 31/05/2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/05/31/mais-de-70-pontos-percentuais-discordam-de-frase-de-bolsonaro-sobre-armar-populao-mostra-datafolha.ghtml>. Acesso em: 23/07/2020.
- VEYNE, P. M. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Tradução Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.